



<<Saber viver e saber cuidar em um mundo globalizado>>

Nova Friburgo, _____ de _____ 2020.

Nome: _____

9º ano – Ensino Fundamental Turma: _____ N°: _____

Professora: Vilmara Storck

1º TRIMESTRE – ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Folha 2 – Encontros virtuais

Olá, galerinha que mora no meu <3!

Hoje, vou deixar uma atividade do livro, certo!?!

Como eu sei que alguns de vocês podem não estar com os livros em mãos, vou printar as páginas e disponibilizar aqui.

Atenção, não é preciso imprimir.

Não deixem de organizar o caderno colocando a data e as páginas que serão trabalhadas!

Espero poder encontrá-los em breve!

Vilmara

Então, para essa semana, teremos duas atividades:

- 1) Ler o texto das páginas 36, 37 e 38 e fazer as atividades da página 39.
- 2) Criar uma foto de Bárbara e uma de suas extravagâncias.
 - Você pode usar papel, bonecos, brinquedos e muita criatividade para reproduzir um momento do conto e fotografá-lo.
 - Não esqueça de copiar esse trecho escolhido logo abaixo das atividades para não se perder. Ele será importante posteriormente.
 - Guarde a fotografia bem guardada que em breve iremos compartilhar com o restante da turma.

A imagem da capa do livro **Contos reunidos** está intimamente relacionada com o conto que leremos a seguir. Poderia o oceano caber em um frasco tão pequeno? Vamos ver o que essa imagem tem a ver com o conto.



EDUARDITA

1. Observe ao lado a capa de uma das edições do livro *Contos reunidos*, em que aparece o conto que você vai ler. A imagem da capa é o resultado de uma montagem de fotos que representam elementos do mundo real. O que há de estranho nessa imagem que não poderia acontecer no mundo real?
2. Murilo Rubião ficou conhecido como um dos melhores representantes do conto fantástico brasileiro. Que características você acha que é possível encontrar nos contos desse livro de Murilo Rubião?

Bárbara

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava.

Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. Não os retive todos na memória, preocupado em acompanhar o crescimento do seu corpo, se avolumando à medida que se ampliava sua ambição. Se ao menos ela desviasse para mim parte do carinho dispensado às coisas que eu lhe dava, ou não engordasse tanto, pouco me teriam importado os sacrifícios que fiz para lhe contentar a mórbida mania. [...]

Houve tempo – sim, houve – em que me fiz duro e ameacei abandoná-la ao primeiro pedido que recebesse.

Até certo ponto, minha advertência produziu o efeito desejado. Bárbara se refugiou num mutismo agressivo e se recusava a comer ou conversar comigo. Fugia à minha presença, escondendo-se no quintal e contaminava o ambiente com uma tristeza que me angustiava. Definhava-lhe o corpo, enquanto lhe crescia assustadoramente o ventre.

Desconfiado de que a ausência de pedidos em minha mulher poderia favorecer uma nova espécie de fenômeno, apavorei-me. O médico me tranquilizou. Aquela barriga imensa prenunciava apenas um filho.

Ingênuas esperanças fizeram-me acreditar que o nascimento da criança eliminasse de vez as estranhas manias de Bárbara. E suspeitando que a sua magreza e palidez fossem prenúncio de grave moléstia, tive medo que, adoecendo, lhe morresse o filho no ventre. Antes que tal acontecesse, lhe implorei que pedisse algo.

Pedi o oceano.



Bárbara, 2006, de Leo Brizola.

Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. Mas, frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que a minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano.

No regresso, quis desculpar meu procedimento, porém ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou. Dormia com a garrafinha entre os braços e, quando acordada, colocava-o contra a luz, provava um pouco da água. Entrementes, engordava.

Momentaneamente despreocupe-me da exagerada gordura de Bárbara. As minhas apreensões voltavam-se agora para o seu ventre a dilatar-se de forma assustadora. [...]

Para meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo.

Desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu. Não por ser miúdo e disforme, mas apenas por não o ter encomendado. [...]

Quando Bárbara se cansou da água do mar, pediu-me um baobá, plantado no terreno ao lado do nosso. De madrugada, após certificar-me de que o garoto dormia tranquilamente, pulei o muro divisório com o quintal do vizinho e arranquei um galho da árvore.

Ao regressar a casa, não esperei que amanhecesse para entregar o presente à minha mulher. Acordei-a, chamando baixinho pelo seu nome. Abriu os olhos, sorridente, adivinhando o motivo por que fora acordada:

– Onde está?

– Aqui. E lhe exibi a mão, que trazia oculta nas costas.

– Idiota! gritou, cuspidno no meu rosto. – Não lhe pedi um galho. – E virou para o canto, sem me dar tempo de explicar que o baobá era demasiado frondoso, medindo cerca de dez metros de altura.

Dias depois, como o dono do imóvel recusava-se vender a árvore separadamente, tive que adquirir toda a propriedade por um preço exorbitante.

Fechado o negócio, contratei o serviço de alguns homens que, munidos de picaretas e de um guindaste, arrancaram o baobá do solo e o estenderam no chão.

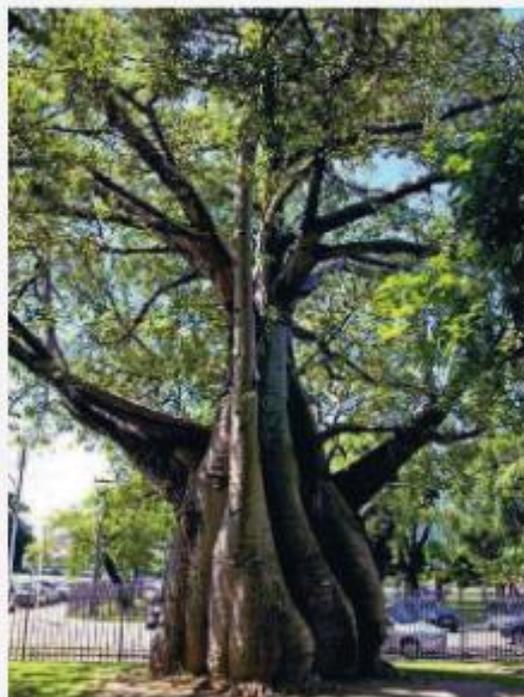
Feliz e saltitante, lembrando uma colegial, Bárbara passava as horas passeando sobre o grosso tronco. Nele também desenhava figuras, escrevia nomes. Encontrei o meu debaixo de um coração, o que muito me comoveu. Este foi, no entanto, o único gesto de carinho que dela recebi. Alheia à gratidão com que eu recebera a sua lembrança, assistiu ao murchar das folhas e, ao ver seco o baobá, desinteressou-se dele. [...]

Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre. Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades.



COLLEO NET.COM

Baobá, árvore cujo tronco chega a atingir 9 metros de diâmetro.



DOSSAL. MOSE DAPULGAR/IMAZENS

Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apalhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesma se encarregou de mostrar a razão:

– Seria tão feliz, se possuísse um navio!

– Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome.

– Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo.

Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!

Contive a raiva e novamente embarquei para o litoral. Dentre os transatlânticos ancorados no porto, escolhi o maior. Mandeí que o desmontassem e o fiz transportar à nossa cidade. [...]

Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu à terra. Passava os dias e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau.

O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra. Já não me tocava tanto o choro de meu filho. Trazia os olhos dirigidos para minha esposa, esperando que emagrecesse à falta de alimentação.

Não emagreceu. Pelo contrário, adquiriu mais algumas dezenas de quilos. A sua excessiva obesidade não lhe permitia entrar nos beliches e os seus passeios se limitavam ao tombadilho, onde se locomovia com dificuldade.

Eu ficava junto ao menino e, se conseguia burlar a vigilância de minha mulher, roubava pedaços de madeira ou ferro do transatlântico e trocava-os por alimento.

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo.

Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria.

Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la.

RUBIÃO, Murilo. O jirrotênio Zacarias. São Paulo: Ática, 1986.



Antes de iniciar o estudo do texto, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

1. O primeiro parágrafo do texto já antecipa toda a ação da narrativa.
 - a) Há uma palavra nesse parágrafo que reforça a ideia de que o ato de Bárbara pedir era obsessivo. Qual é?
 - b) O que há de estranho ou fora do comum na personagem que é revelado ao leitor logo no início da narrativa?
 - c) Cite alguns episódios em que os pedidos de Bárbara são absurdos ou impossíveis de serem realizados no mundo real.
 - d) O que há de real na personagem Bárbara?

O conto fantástico explora a convivência entre o real e o fantasioso, isto é, o estranho, o extraordinário, o que só existe na imaginação.

Um dos traços característicos do conto fantástico moderno é a aceitação das personagens diante dos eventos insólitos (incomuns), que se tomam corriqueiros, comuns.

2. Os pedidos de Bárbara vão ficando cada vez mais difíceis de serem atendidos ao longo do conto. O que, na reação do marido a esses pedidos, mais chama a atenção?
3. No conto, a única personagem que recebe nome é Bárbara. Que significado assume no texto o fato de o homem ser mencionado apenas como "marido"?
4. Em um conto fantástico, o narrador é figura central da narrativa.
 - a) Quem é o narrador do conto?
 - b) É um narrador observador ou uma personagem que participa da história?
 - c) Qual a importância dessa escolha de ponto de vista para a narrativa?

Realidade x fantasia

Em uma entrevista, Murilo Rubião fala sobre o desafio a vencer ao escrever um conto fantástico: "O desafio principal é exatamente a dificuldade que o escritor tem de impor uma possível realidade como sendo realidade, o suprarreal dado em termos claros e normais. Como se a convivência cordial com os seus dragões, os seus monstros, tivesse a maior naturalidade."

Disponível em: <<http://www.mondoweb.com.br/murilorubiao/teste05/entrevista.aspx#topo>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

! PARA LEMBRAR

Conto fantástico	Intenção principal →	entreter, levar a refletir sobre aspectos do comportamento humano
	Organização →	Possui a estrutura das narrativas em geral Apresenta acontecimentos estranhos, fora do normal ou aparentemente sobrenaturais, que causam estranhamento ao leitor Nele convivem o real e o fantástico Em nenhum momento o leitor perde a noção do real Pode ser narrado em 1ª ou 3ª pessoa Pode apresentar diálogos ou não
	Linguagem →	adequada à intenção e ao público visado

NÃO DEIXE DE LER

- *Histórias fantásticas*, vários autores, editora Ática
Reúne autores brasileiros e estrangeiros que escreveram histórias fantásticas em que o mundo real e o imaginado se misturam.

